A MISTERIOSA CONDESSA

UMA AVENTURA DE MRS. PASCHAL, POR WILLIAM STEPHENS HAYWARD

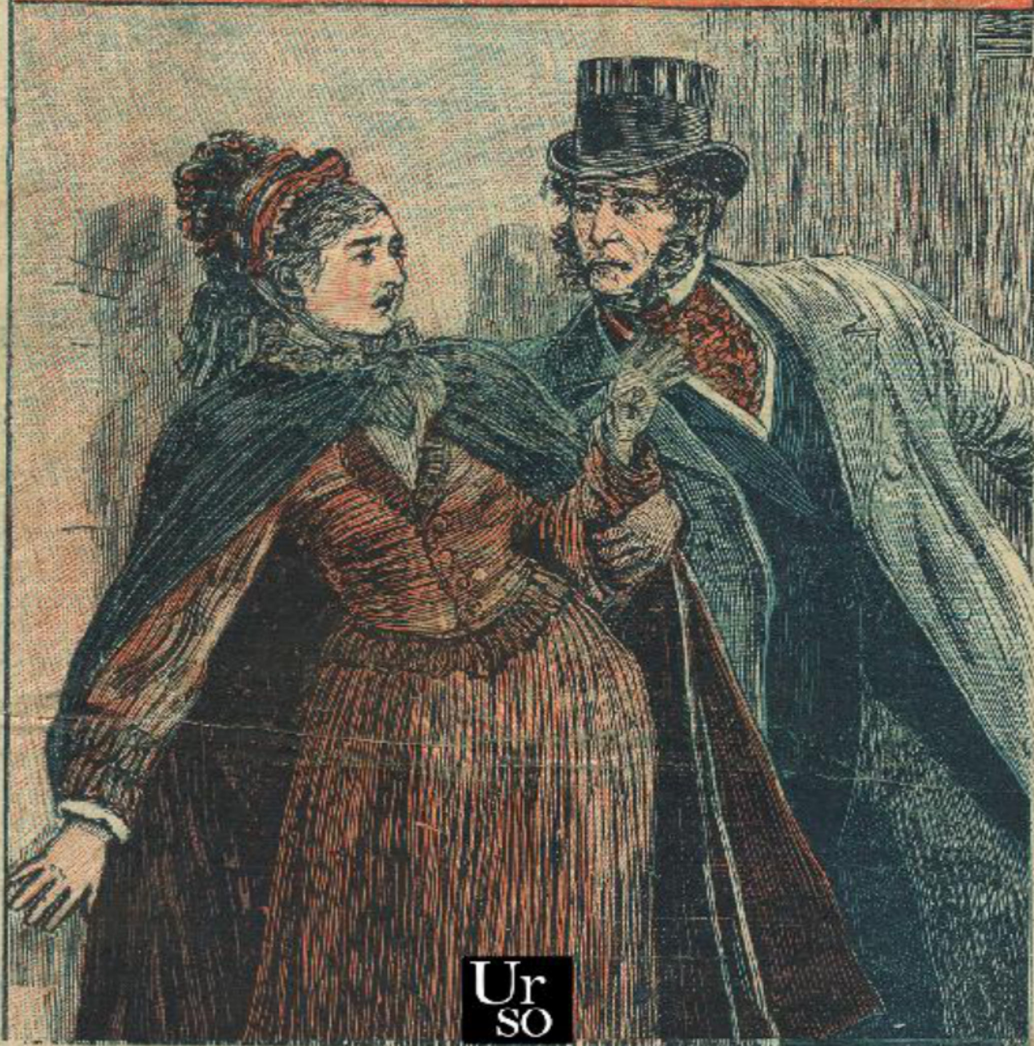


VISIT...

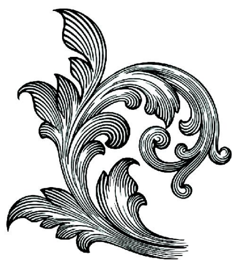
LANZAROTE Caliente.COM

A MISTERIOSA CONDESSA

UMA AVENTURA DE MRS. PASCHAL. POR WILLIAM STEPHENS HAYWARD



William Stephens Hayward



A misteriosa condessa, *uma aventura de Sra. Paschal*



Tradução

Niél Sàlim


Ur
so

Copyright da edição © 2024 *by* Laboralivros e Selo Urso.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.601 de 19.2.1998. É proibida a reprodução ou distribuição total ou parcial sem autorização, por escrito, da editora.

Autor
William Stephens Hayward

Editora
Lua Bueno Cyríaco

Tradução
Niél Sàlim

Revisão
Davi Miranda

Capa
Lua Bueno Cyríaco

Imagem (Capa)
Imagem da publicação *Revelations of a Lady Detective*

Diagramação (E-book)
Niél Sàlim

H427m Hayward, William Stephens, 1835-1870

A misteriosa condessa : uma aventura de Mrs. Paschal / William Stephens Hayward. Tradução de Niél Sàlim. – São José dos Pinhais: Laboralivros, 2024.

ISBN 978-65-85806-17-6.

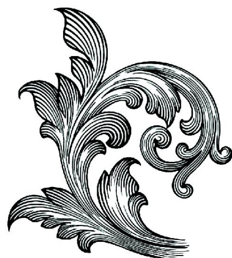
1. Ficção policial e de mistério (literatura inglesa). I. Silvestre, Daniél. II. Título.

CDD 823.0872

Catalogação elaborada por Márcio F. O. Vasques – CRB-8/10292

Urso
editora.laboralivros.com
editoraurso@laboralivros.com

Curitiba
Paraná
Inverno
2024



Sumário

I, O Chefe da Polícia de Detetives

II, Máscara negra

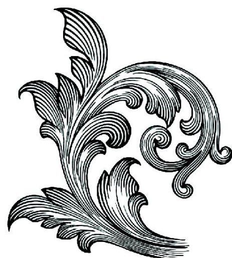
III, Barras de Ouro e Lingotes

IV, No cofre

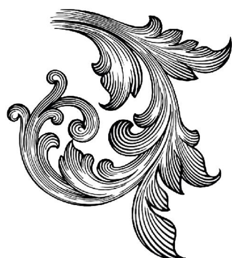
V, Perseguida

Notas





I,
O Chefe da Polícia de Detetives



Virei uma esquina familiar e logo estava percorrendo as conhecidas avenidas de Whitehall. Foi em uma rua pequena, onde as casas cobrem o local do outrora esplêndido palácio dos Stuarts, onde um rei nasceu e outro perdeu a cabeça, que ficavam os escritórios da Polícia de Detetives de Londres. Parei em uma porta com aspecto modesto e bati três vezes. Fui imediatamente recebida. Ao ver quem eu era, o porteiro se curvou e me conduziu a uma antessala de dimensões limitadas. Não esperei muito. Vindo de uma área interna, um homem de constituição esguia, mas com olhos perscrutadores e

afiados como os de uma doninha, cumprimentou-me de maneira fria e profissional, apertando minha mão, e pediu-me para tomar um assento. Sua testa se destacava um pouco, indicando o talento do qual ele era indiscutivelmente possuidor. Todos que o conheciam pessoalmente ou por reputação o admiravam; ele desempenhava as difíceis funções de uma posição árdua com incansável dedicação, além de habilidade e perseverança louváveis. Não deixava nada para os outros, exceto, é claro, a execução propriamente dita. Esse homem com a postura austera e o olhar penetrante era o Coronel Warner – na época em que escrevo, chefe do Departamento de Detetives da Polícia Metropolitana. Graças a sua instigação, as mulheres foram pela primeira vez empregadas como detetives. Deve-se confessar que a ideia não era original, mas mostrava que ele era um adaptador hábil, e não desse importava em imitar aqueles cujo talento os levava a tomar a iniciativa em atos de progresso. Fouché, o grande francês, tinha o hábito constante de empregar mulheres para ajudá-lo a descobrir as várias intrigas políticas que perturbavam a paz do Primeiro Império. Sua polícia de saias era tão bem-sucedida quanto o mais otimista inovador poderia desejar; e o Coronel Warner, tendo esse fato diante de seus olhos, decidiu se inspirar com o exemplo de um homem que unia a coragem de um leão à astúcia de uma raposa, alcançando suas aquisições com a sagacidade de um cão.

“Sente-se, Sra. Paschal”, exclamou o coronel, entregando-me uma cadeira.

De imediato, fiz isso com aquela obediência pronta e passiva que sempre o agradava. Eu estava particularmente desejosa, a todo momento, de agradar o Coronel Warner, porque eu não estava há muito tempo empregada como detetive e, agora que tinha dedicado meu tempo e atenção ao que posso chamar de uma nova profissão, estava ansiosa para me sair o melhor possível e, assim, ganhar a simpatia e a aprovação do meu superior. Não é necessário mencionar as circunstâncias que me levaram a embarcar em uma carreira ao mesmo tempo estranha, emocionante e misteriosa, mas posso dizer que meu marido morreu repentinamente, deixando-me em maus lençóis. Através de um contato particular, uma oferta foi feita a mim.

Aceitei sem hesitação e me tornei uma das temidas, mas pouco conhecidas pessoas chamadas “Detetives Femininas” quando eu estava prestes a completar quarenta anos. Meu cérebro era vigoroso e sutil, e eu concentrava todas as minhas energias na execução adequada das funções atribuídas a mim. Encontrei o olhar do Coronel Warner e o devolvi sem pestanejar; ele gostava que as pessoas o encarassem de volta, porque isso denotava confiança nelas mesmas e evidenciava que elas não recuariam diante de adversidades, quando o perigo as cercava e as espreitava em todos os lados. Eu era bem nascida e educada, de modo que, como uma atriz talentosa, eu desempenharia meu papel em qualquer drama que fosse instruída a tomar parte. Meus dramas, no entanto, eram dramas da vida real, não as representações miméticas de um palco. Para os papéis que eu precisava desempenhar, era necessário ter coragem e força, astúcia e confiança, recursos ilimitados, confiança e muitas outras qualidades das quais os atores são totalmente ignorantes. Eles se exibem, falam e expressam os pensamentos dos outros, mas é gente como eu quem realmente cria os incidentes sobre os quais se baseiam e se fundamentam os seus diálogos.

“Chamei você”, exclamou o coronel, “para confiar um caso sério aos seus cuidados e julgamento. Não conheço mulher mais adequada para a tarefa do que você. Seus serviços, se bem-sucedidos, serão generosamente recompensados, e você não terá motivo para reclamar da minha parcimônia em relação às suas despesas diárias. Devo alertá-la sobre a pressa – leve tempo – elabore e amadureça seus planos; pois, embora a lebre seja ágil, a tartaruga lenta e segura vence a corrida com mais frequência do que seu adversário veloz. Dificilmente preciso falar dessa forma com você, mas o conselho jamais prejudica os interesses de alguém.”

“Fico muito feliz, com certeza”, respondi, “em ouvir quaisquer sugestões que você seja gentil o suficiente para dar em minha orientação.”

“Exatamente”, disse ele; “eu sei que você tem uma quantidade incomum de bom senso e, consequentemente, não é provável que se ofenda com o que é bem-intencionado.”

“De que natureza é o negócio?”, perguntei.

“De uma natureza muito delicada”, respondeu o Coronel Warner; “você já ouviu falar na Condessa de Vervaine?”

“Frequentemente; você quer dizer a dama que está deslumbrando toda a Londres neste momento pelo esplendor de sua carruagem e seus diamantes, e pela maneira magnífica como gasta o que deve ser uma fortuna colossal.”

“Essa mesma”, disse o coronel. “Mas tenho me esforçado para saber do que realmente consiste a fortuna dela. Até agora, não consegui identificar nenhuma propriedade pertencente a ela, tampouco consigo saber se ela tem um saldo considerável nas mãos de algum banqueiro. De que fonte, então, ela obtém sua renda?”

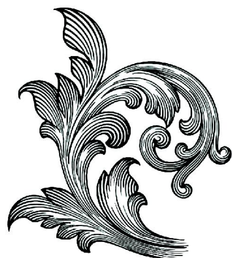
Reconheci que eu estava perdida em conjecturas.

“Muito bem”, exclamou o Coronel Warner, “a tarefa que proponho a você é: descobrir onde e de que maneira a Lady[1] Vervaine obtém os fundos que lhe permitem conduzir uma carreira, cujo esplendor e cuja profusão superam a de um príncipe da realeza durante a Era Augustana[2] da França, quando Luís XIV[3] deu exemplo de extravagância, o qual foi seguido até a ruína pela nobreza dissoluta, que cercava as avenidas de seus palácios e lotava os salões de suas propriedades campestres. Acha que será uma ocupação do seu agrado? Se não, por favor, recuse-a agora. Não é fácil se comprometer com uma missão que envolve um dever considerado repugnante por você.”

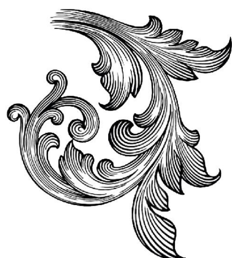
“De maneira alguma”, respondi; “eu gostaria acima de tudo de desvendar os segredos da misteriosa condessa, e não apenas me comprometo, mas prometo trazer as notícias e informações que você deseja dentro de seis semanas.”

“Leve o tempo que precisar”, disse o coronel; “qualquer pessoa lhe dirá o endereço de sua senhoria; deixe-me ocasionalmente ver ou ouvir de você, pois eu ficarei ansioso para saber como você está se saindo. Mais uma vez, não seja precipitada. Leve esse cheque para suas despesas. Se precisar de mais, envie-me um pedido. E agora, bom dia, Sra. Paschal. Espero sinceramente que seus esforços sejam coroados com o sucesso merecido.”

Peguei o cheque, dei adeus ao Coronel Warner e retornei aos meus alojamentos para refletir a respeito dessa tarefa que acabara de ser confiada a mim.



II,
Máscara negra



Imaginava que a melhor e mais segura maneira para penetrar o véu de segredo que cercava a Condessa de Vervaine seria uma posição de trabalho em sua casa, seja empregada doméstica ou outro cargo, que me permitisse espionar todos os seus movimentos com o maior cuidado e proximidade possível. Eu estava confiante de que o Coronel Warner tinha um excelente motivo para querer desmascarar a condessa; ele, porém, era o tipo de pessoa que fazia você encontrar suas próprias ferramentas e realizar seu trabalho com o mínimo de assistência possível. Ele dizia o que queria feito, e nada mais restava

senão ir e fazer. A Condessa de Vervaine era a jovem e encantadora viúva do velho conde com esse título. Ela estava no palco quando o notório e imbecil nobre a fez sua esposa. Sua extravagância e suas especulações malsucedidas em ações ferroviárias, nos dias em que Hudson era rei, o deixaram arruinado, e era perceptível que, ao morrer com o coração partido, sua renda estava muito reduzida... tanto que, quando sua viúva começou a levar aquela vida luxuosa, muita gente torcia o nariz e imaginava como ela conseguia. Ela não pensava duas vezes em dar mil libras por um par de cavalos de carruagem, e todos os comerciantes ficavam felicíssimos quando algo raro cruzava os seus caminhos, pois a Condessa de Vervaine certamente o compraria. Um quadro raro ou uma pedra preciosa de grande e peculiar valor eram coisas que ela compraria sem reclamação, pagando o preço pedido sem tentativas de barganhar ou diminuir um centavo. Pessoalmente, ela era uma rara combinação de beleza e habilidades. Até as mulheres admitiam o quanto essa mulher era bela, enquanto os homens deliravam por ela. Figurava entre a nata da sociedade, e aqueles da mais alta posição social em Londres ficavam muito felizes em serem convidados para suas magníficas e exclusivas festas. Fanny, a Condessa de Vervaine, sabia muito bem que, se quisesse se tornar conhecida no mundo alegre e fútil da moda, deveria ser cuidadosíssima com quem admitia em sua casa. Seria conveniente e, até mesmo necessário, convidar seu advogado para jantar vez ou outra; mas evite convidar um amigo da nobreza no mesmo dia, porque Vossa Alteza jamais lhe perdoaria por cometer um erro tão grande. O advogado sairia contando aos seus amigos com quem havia jantado. Sua casa adquiriria a reputação de ser uma casa “fácil”, e seus conhecidos, os que realmente valiam a pena, não visitariam mais uma casa onde “qualquer um” era recebido com a mesma cordialidade experimentada por eles. A Condessa de Vervaine morava em uma grande mansão em uma das novas, mas aristocráticas, praças de Belgravia. Uma enorme e vistosa construção para encher os olhos, uma casa de esquina com muitas janelas, sacadas e varandas. Pertencia ao conde, e ele a deixou para ela com toda a sua riqueza de móveis, quadros raros e livros valiosos. Era praticamente tudo o que

ele tinha para lhe deixar, pois suas terras foram todas vendidas, e a quantia de dinheiro disponível em seu banco era lamentavelmente pequena — tão pequena, na verdade, que era quase insignificante. O conde já estava morto há um ano e meio. Ela o lamentara por seis meses e, ao término desse período, abandonou o luto — desdenhando o exemplo da realeza de se enlutar por um período indefinido —, então, mergulhou em toda a alegria e dissolução que a Babilônia dos tempos modernos poderia proporcionar a alguém. Era uma senhora muito inteligente e versátil, tão capaz de falar sobre assuntos abstratos com um membro de uma sociedade científica quanto de conversar com um de seus amigos patrícios sobre os méritos das últimas tendências que os parisienses haviam projetado com seu gosto habitual.

Certo dia, após obter as informações que eu acabei de detalhar, me vesti e coloquei as coisas mais simples que encontrei em meu guarda-roupa, que era extenso e cheio de disfarces, como o de uma loja de figurinos. Queria parecer uma criada desempregada. Minha ideia era me apresentar como assistente pessoal[4] ou assistente de governanta. Eu não me importava com a posição na casa desde que conseguisse uma. Quando me aproximei da casa de Lady Vervaine, fiquei muito impressionada com sua aparência majestosa e imponente. Gostava de ver as caixas de porcelana nas janelas, cheias das flores mais escolhidas, que um jardineiro e floricultor se comprometiam contratualmente a trocar duas vezes por semana, para que elas jamais parecessem desgastadas ou fora de estação. Eu me deliciava olhando as trepadeiras se espalhando de maneira selvagem, exuberante e tropical, por todas as varandas espaçosas, e encontrava um deleite especial ao contemplar as laranjeiras crescendo em grandes tonéis de madeira, carregadas com seus frutos amarelos, o brilho que eu podia vislumbrar levemente através das janelas bem limpas da estufa, que ficava sobre o alpendre protegendo a entrada da porta frontal.

Invejava essa atriz bem-sucedida por todas as coisas bonitas que ela aparentemente tinha em sua posse, e me perguntava por que ela deveria ser muito mais afortunada do que eu; mas, um momento depois, eu me parabenizei por não ser, como a própria, objeto de

suspeita e desconfiança pela polícia, e que uma detetive feminina, como uma espécie de nêmesis, não estava prontamente em meu encalço. Jurei que todo o seu esplendor seria efêmero, e que naqueles salões dourados e sublimes, onde agora tudo era alegria, canção e felicidade, em breve não haveria nada além de choro e ranger de dentes. Desci os degraus da área, e mesmo aqui havia um traço de refinamento e bom gosto, pois uma pequena caixa de minhonete[5] havia sido colocada na soleira de cada janela, e uma grande vinha- da-virgínia erguia seus membros esguios contra a parede estucada[6].

Um pedido para ver a governanta me trouxe à presença da dita-cuja. Eu declarei minha oferta e pedi uma consideração favorável ao meu caso. Ela balançou a cabeça e disse recear que não houvesse vaga naquele momento; mas, se eu voltasse, talvez pudesse me dar uma resposta mais encorajadora. Eu sabia perfeitamente como tratar uma dama de sua estirpe. Os servos nas famílias nobres geralmente estão ocupados fazendo um pé de meia, com os proventos que lhes possibilitam se aposentar quando a arreia doméstica começa a apertar seus pescoços, e eles anseiam por descanso após anos de trabalho árduo. Eles financiam caixas de poupanças, onde recebem seus dois e meio por cento, sob o princípio de que toda pequena ajuda é bem-vinda, embora possam, ao mesmo tempo, obter seis por cento em títulos estrangeiros garantidos; mas aqueles que trabalham duro sabem como cuidar de seu dinheiro, porque entendem seu valor, e desconfiam de empreendimentos especulativos, como é dever de todas as pessoas prudentes fazer; ou, se desconfiam dos bancos paroquiais, eles têm uma reserva mantida cuidadosamente escondida, cujo conteúdo servirá para ajudar seus donos a mobiliar uma pensão, ou abrir uma taverna, quando chegar o momento que eles acharem conveniente afirmar sua independência e abandonar a servidão que eles toleraram por um propósito. Armada com um conhecimento completo da classe, eu tirei uma nota de cinco libras do meu bolso e falei que isso era parte das economias de meu último emprego, que ficaria feliz em lhe entregar como um presente, se ela usasse a influência – a qual eu estava certa de que possuía – para providenciar a posição que eu tanto desejava obter.

Essa oferta relaxou a severidade da governanta. Ela pediu uma referência, que eu lhe dei; sempre sabíamos como arranjar esses pequenos detalhes, que eram gerenciados sem dificuldade; e o resultado de nossa entrevista foi a minha contratação como terceira assistente da condessa, com um salário de quinze libras por ano, e responsável pelo chá e açúcar. Comecei meu novo emprego em menos de uma semana e logo tive a oportunidade de observar o comportamento da Condessa de Vervaine; às vezes, inquieto e excitado. Seu jeito era frequentemente preocupado, e então ela estava, como se diz, ausente. Você poderia falar com ela três ou quatro vezes para obter uma resposta. Ela não parecia ouvir você. Alguma coisa importante ocupava sua atenção, e ela estava tão absorvida em contemplação que não conseguia dedicar um único pensamento aos seus arredores. Ela era muito jovem – mal tinha vinte e cinco anos, e não dava sinais de ser tão velha quanto isso. Ela não era uma daquelas aristocratas orgulhosas, severas e arrogantes que você vê no parque, inclinando-se para trás em suas carruagens abertas como se estivessem jogando seu manto de desprezo e escárnio para aqueles que estão a pé. Ela não era pálida, nem cansada ou desagradável de se olhar; ao contrário, era rechonchuda, com apenas um pouco de tom rosado em suas bochechas – tom natural, quero dizer, não a tonalidade artificial que compostos perniciosos conferem a uma bochecha pálida.

Às vezes, havia uma aura de alegria genuína ao seu redor, como se ela estivesse enamorada da vida e extraísse o prazer mais intenso de sua existência neste mundo, onde a maioria de nós experimenta mais golpes e bofetadas do que acontecimentos mais gratificantes. Embora não pretendesse fazê-lo, eu a estudei com grande cuidado, e o resultado de minhas observações foi que eu poderia jurar perante qualquer tribunal de justiça do mundo que, na medida do meu conhecimento, ela tinha um segredo – um segredo que oprimia e esmagava seu espírito jovem e elástico, sentando em seu peito como um pesadelo e arruinando seu repouso com visões horrendas. Perante a sociedade, ela não mostrava nada disso. Era na companhia dos outros que ela brilhava; em casa, em seu quarto, com seus atendentes satélites ao seu redor, a quem ela considerava zés-ninguém, ela cedia a

seus acessos de melancolia e mostrava que todo espelho reluzente tem seu lado opaco. Existem algumas pessoas que são constituídas de tal maneira pela natureza que, embora possam estar de pé sobre a cratera de um vulcão propenso a erupções crônicas e ainda que estejam perfeitamente cientes da posição perigosa em que se encontram, não se preocuparão muito com isso. Era minha opinião particular que o chão sob os pés da Condessa de Vervaine estava minado, e ela sabia disso, e havia adotado aquele lema enganoso que tem “uma vida curta e feliz” como fardo. Havia algo muito misterioso a respeito dela, e eu tomei a decisão mais forte de minha vida: descobriria a natureza desse mistério antes que muitos dias tenham passado sobre minha cabeça. A condessa não tinha a menor ideia de que eu fosse de alguma maneira hostil a ela. Ela me considerava algo pelo qual ela pagava e, em certas ocasiões, era útil. Eu acreditava que ela me via muito como uma dama nos estados sulistas dos Estados Unidos vê um escravo — uma coisa para atender à sua vaidade e obedecer a seus comandos. Lady Vervaine era uma dessas mulheres encantadoras que te encantam com suas maneiras simples e cativantes, e você não sonha por um momento que elas não são anjos terrestres; mas, se as conhecesse intimamente, descobriria que elas têm uma vontade e um temperamento próprios, que tornariam a vida de um marido miserável e infeliz se ele se submetesse ao seu mais leve desejo e suportasse seu capricho mais frívolo. Ela era frequentemente tirânica com seus criados e faria com que seu comando mais trivial fosse obedecido à risca, sob pena de sua soberana desaprovação. Um dia, ela me bateu nos nós dos dedos com uma escova de cabelo, porque eu passei um grampo em sua cabeça por mero acidente. Eu não disse nada, mas acalentei uma ideia de retaliação mesmo assim. Nós a vestimos em uma noite específica para a ópera. Ela parecia muito encantadora; mas tão graciosa era sua maneira, tão agradável era seu comportamento e tão irrepreensível era seu gosto, que ela nunca poderia parecer outra coisa.

“Paschal”, disse ela para mim.

“Sim, minha senhora”, respondi.

“Vou voltar um pouco antes das doze; espere por mim.”

“Sim, minha senhora”, respondi novamente, no tom monótono, como um papagaio, que os criados supostamente devem usar ao falar com aqueles que têm autoridade sobre eles.

Era uma noite longa e tediosa; não havia muito a fazer, então eu peguei um livro e tentei ler; mas, embora tentasse concentrar minha atenção na página impressa, não tive sucesso. Estava agitada com a convicção de que eu faria alguma descoberta importante naquela noite. É uma coisa estranha, mas em minha mente acontecimentos vindouros sempre lançam suas sombras antes de seu sucedimento. Eu sempre tive a intuição de que tal e tal coisa aconteceria antes que elas se tornassem realidade. Já era bem depois da meia-noite quando a misteriosa condessa chegou em casa; os encantos da ópera e do salão floral devem tê-la retido até o último momento, a menos que ela tenha encontrado algum companheiro divertido que distraiu as horas com discursos suaves e frases ternas, como apenas amantes sabem inventar e pronunciar. Comecei a despi-la, mas, após tirar sua capa, ela solicitou sua roupa de dormir e pediu para eu ir buscar um café. O cozinheiro já tinha ido para a cama, e eu encontrei alguma dificuldade em ferver a água, mas finalmente tive sucesso em preparar a desejada bebida e levei para o andar de cima. Ao chegar lá, a condessa estava diligentemente fazendo cálculos – pelo menos, foi o que me pareceu – em um pequeno livro encadernado em couro de marroquim[7] com cheiro forte de papelaria. Ela poderia estar escrevendo poesia ou elaborando o enredo de uma peça, mas ela parava, de vez em quando, como se estivesse “carregando” algo à maneira de matemáticos que não mantêm uma máquina de calcular nas instalações.

Depois que eu entreguei o café, ela exclamou:

“Pode ir. Boa noite.”

Respondi em termos adequados e saí, mas não para ir ao meu quarto ou dormir. Eu ficava pelos corredores, de maneira furtiva, pois eu sabia muito bem que mais ninguém estaria por perto, e queria observar minha senhora naquela noite, a qual eu estava convencida de que seria prolífica em eventos de uma natureza surpreendente. Aliás, a noite estava um pouco fria, mas eu não me importei com isso. Abrigando-me o melhor que pude na sombra de uma porta, esperei

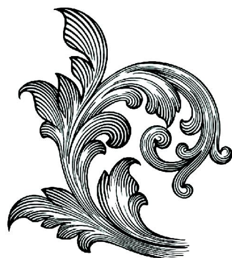
com a resignação e a paciência necessárias para a ocasião. Em cerca de meia hora, a porta do apartamento da Condessa de Vervaine se abriu. Ouvi sem respirar, sem ousar mexer um músculo sequer, para que a minha proximidade não fosse descoberta. Imagine a minha surpresa e espanto ao ver um homem deixar o quarto! Ele segurava uma luz na mão e começou a descer uma escada com sua ajuda.

Esfreguei os olhos para ver se eu não tinha adormecido e tido um sonho; mas não, eu estava bem acordada. O homem deve, imaginei, ter sido escondido em algum lugar do apartamento, já que não vi nenhum sinal de sua presença durante o tempo em que estive no quarto. Ele era uma pessoa de pequeno porte e vestida de uma maneira peculiar, como se não fosse um cavalheiro, mas um empregado doméstico. Isso me deixou ainda mais intrigada, porém eu já tinha visto algumas coisas na minha vida que dificilmente pareciam suscetíveis de explicação à primeira vista, mas que, quando eliminadas pela luz calma da razão e dissecadas pela afiada faca do julgamento, se tornaram em pouco tempo tão claras quanto o sol ao meio-dia. Pensei por um breve período de tempo e depois dei um tapinha nas minhas costas por ter resolvido o mistério. Eu disse a mim mesma: é um disfarce. A Condessa de Vervaine era uma mulher pequena. Portanto, ela faria o papel de um homem muito pequeno. O que eu tinha diante de mim, descendo lenta e cuidadosamente a escada, era um homem de estatura incomumente baixa. Você incontestavelmente o chamaria de tampinha. Havia uma flacidez nas roupas e parecia indicar que elas não haviam sido feitas para ele. As mangas do paletó eram especialmente longas. Isso fortaleceu a suspeita de que a condessa havia adotado uma vestimenta masculina por motivos próprios. Ela simplesmente não poderia ter sido medida para um terno. Nenhum alfaiate de Londres teria feito tal coisa. Ela provavelmente comprou as coisas em algum lugar... pegando-as aleatoriamente sem se preocupar demasiadamente com o tamanho ou o ajuste. Permiti que o homem chegasse ao final da escada antes que eu começasse a perseguição. Deslizei furtivamente, tendo o cuidado e a precisão que eu praticava frequentemente no meio da noite em casa, a fim de me tornar hábil e experiente em uma arte tão útil para uma

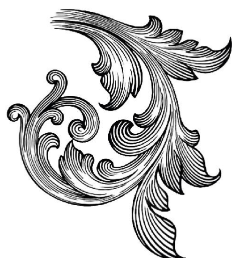
detetive, desci degrau por degrau e avistei o homem virando uma esquina que o escondeu de minha visão; mas, ao fazê-lo, consegui dar uma olhada em seus traços. Eu senti vontade de gritar. Cada linha de seu rosto estava oculta por uma horrível máscara negra. Minhas sensações não eram invejáveis por muitas e longas noites depois; aquela face fúnebre e escura ficou impressa de uma maneira quase indelével em minha mente, e, uma ou duas vezes, acordei trêmula e coberta de suor frio em minha cama, imaginando que Máscara Negra estava diante de mim, segurando uma pistola carregada contra a minha cabeça e ameaçando minha vida se eu não atendesse a alguma demanda insistente à qual eu sentia que não podia dar a mínima atenção. Recuperando-me da melhor maneira que eu pude, levantei meu vestido e, pisando nas pontas dos pés, segui a Máscara Negra. Ele desceu para as regiões mais baixas. E segurava a luz à sua frente e, ocasionalmente, olhava para trás para ver se alguém estava em seu encalço. Toda vez que ele fazia isso, esforçava-me para me esconder em algum canto ou me jogar no chão para que o feixe da lâmpada não caísse sobre minha forma ereta. Passamos pelas cozinhas, de onde emanava o cheiro de couve velha, que, por sua vez, sempre infesta esses interessantes escritórios domésticos depois que seus ocupantes se retiram para descansar. Eu podia ouvir o ronco do cozinheiro-chefe. Ele dormia em um pequeno quarto no porão, e, tenho certeza, ficava feliz em ir para a cama após as várias e onerosas tarefas que tinha realizado durante o dia, pois o cargo de cozinheiro em uma boa família está longe de ser uma sinecura[8]. A origem aristocrática não impede que seu possuidor nutra um apetite um tanto plebeu, que deve ser satisfeito pelo menos quatro ou cinco vezes ao dia. Uma simples carne não é o suficiente, uma dúzia de pratos chamados *entrées*[9] deve fazer acompanhamento, compostos de trufas e outras abominações malcheirosas, como as que podem ser encontradas na loja de um *épicier*[10] parisiense. Eu não havia examinado os quartos no porão bem de perto, mas, durante a investigação superficial que eu fiz, notei que havia um que sempre estava trancado. Ninguém nunca entrava lá. Alguns diziam que a chave estava perdida, mas nenhum dos criados parecia se preocupar muito com isso. Era um quarto vazio, ou era um

quarto de tralhas. Eles não sabiam nem se importavam. Com essa situação existente em relação a esse quarto, fiquei surpresa ao ver o homem de máscara negra tirar uma chave bem lubrificada para facilitar a virada, colocá-la na fechadura, girá-la, abrir a porta, entrar e desaparecer, fechando a porta atrás dele. Não me demorei demasiadamente para alcançar o buraco da fechadura e usar meu olho. A chave não estava lá, mas, se Máscara Negra havia trancado a porta por dentro ou não, eu não podia dizer. Ainda não havia chegado a hora em que era necessário ou prudente resolver o enigma. Eu podia ver dentro do quarto com a maior facilidade. A lâmpada estava no chão, e Máscara Negra estava de joelhos, examinando o chão. O apartamento estava completamente desprovido de móveis, nem mesmo uma cadeira ou uma mesa comum sequer enfeitava o espaço vago, exceto alguns tijolos empilhados um sob o outro em um canto. Perto deles, havia um pequeno monte de argamassa seca, que, pela aparência, havia sido feito e trazido ali meses atrás. Uma espátula, como a colher que os pedreiros usam, não estava longe. Enquanto eu observava essas coisas, o homem de máscara negra havia conseguido levantar um par de tábuas do chão. Ele as colocou suavemente de lado. Eu podia perceber que ele tinha revelado um abismo negro e bocejante como a entrada para um esgoto. Depois de hesitar um momento para ver se sua lâmpada estava queimando bem, ele adentrou o abismo e desapareceu em suas profundezas sombrias, como se tivesse feito a mesma coisa antes e soubesse muito bem para onde estava indo. Perfeitamente surpresa com as descobertas que estava fazendo, eu observava em espanto passivo. Eu estava, como pode ser imaginado, muito satisfeita com o que via, porque senti que havia descoberto o caminho para desvendar um novelo complicado. Nem a Rainha Eleanor[11], ao descobrir a pista que a conduziu através do labirinto até a casa da bela Rosamund[12], ficou mais encantada do que eu quando vi o estranho e místico procedimento por parte da Máscara Negra. Ao ter permitido o que considerava um tempo suficiente se passar, experimentei a maçaneta da porta – ela girou. Um leve empurrão, então, a porta se movimentou em suas dobradiças; mais um, e esse mais vigoroso, me permitiu entrar na sala. Tudo se

encontrava em plena escuridão. Apoiada em minhas mãos e joelhos, rastejei com muita cautela em direção ao buraco no chão. Uma busca de meio minuto me trouxe até lá. Minha mão afundou enquanto eu me esforçava em encontrar um lugar para apoiá-la. Então fiz questão de sentir as laterais do poço para descobrir se havia alguma escada pela qual eu pudesse seguir os passos amigáveis da Máscara Negra. Havia. Tendo me certificado disso, tirei com a maior rapidez possível a pequena crinolina[13] que eu vestia, pois eu considerava que isso prejudicaria muito meus movimentos. Quando me livrei da peça incômoda, jogando-a no chão, desci pelo buraco e segui pela escadaria. Quatro ou cinco pés, eu diria, me trouxeram ao final do lance de escadas. Pelo que podia entender, eu estava em uma galeria de pedra. O ar estava úmido e gelado. O frio repentino me fez tremer. Evidentemente, era um longo caminho subterrâneo, e o calor terrestre fazia falta. Ele sucumbira aos vapores subterrâneos, que eram mais penetrantes do que agradáveis. Um parco vislumbre de luminosidade a alguma distância me mostrou que Máscara Negra não tinha tanta vantagem na perseguição. Meu coração palpitou, e continuei no ritmo mais rápido que eu considerava consistente com a prudência.



III,
*Barras de Ouro e Lingotes*14

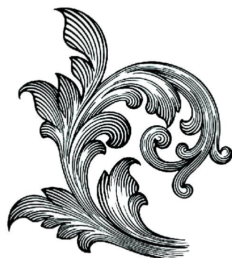


Podia ver que a galeria pela qual eu atravessava havia sido construída com algum propósito para conectar duas casas. O objetivo de tal conexão era difícil de conceber. Mas pessoas ricas frequentemente são excêntricas e fazem coisas que aqueles mais pobres e simples que elas jamais sonhariam a respeito. Máscara Negra descobrira a comunicação subterrânea e, dessa maneira, estivera utilizando-a para promover alguma operação clandestina. O caminho não era muito longo. Máscara Negra parou e colocou a lanterna no chão. Eu parei, também, para que o barulho dos meus passos não

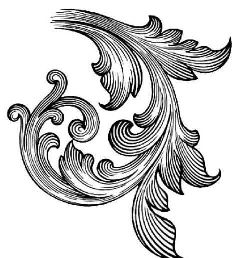
alertasse o misterioso indivíduo que eu estava seguindo. Já me envolvi em muitas situações improváveis e excitantes antes, e participei ativamente de mais de uma aventura extremamente perigosa, mas não acredito que, em toda a minha vida, tenho sido movida por uma curiosidade tão intensa ou motivada por um desejo tão ardente para saber qual seria o desfecho como fui nessa ocasião. Nesses momentos – que passavam com a velocidade proverbial do tempo, mas pareciam muito lentos e arrastados –, o sangue flui mais rapidamente em suas veias, o coração bate com movimento mais acelerado, e a tensão dos nervos se torna positivamente dolorosa. Eu observava os movimentos de Máscara Negra com o maior cuidado e minúcia. Ele removeu, de alguma forma com a qual estava familiarizado, meia dúzia de tijolos com tamanho considerável da parede, revelando uma abertura grande o suficiente para permitir a passagem de um corpo humano. Ele não demorou a passar pelo buraco. A luz foi com ele. Eu estava na escuridão. Rastejando como um gato prestes a cometer um ato de ferocidade felina contra algum rato que escapou de uma armadilha15, alcancei a cavidade e ergui os olhos até a borda para examinar o interior do cômodo pelo qual Máscara Negra havia ido. Era um lugar pequeno, mais parecido com uma câmara subterrânea do que qualquer outra coisa. A lâmpada tinha sido colocada em cima de um baú, e sua luz tremeluzia aos arredores, proporcionando um brilho doentio semelhante ao produzido numa tarde escura em uma igreja. O edifício sagrado está cheio de sombras, mas, através das grades bronzeadas que bloqueiam o egresso para o templo, você pode ver as longas velas queimando e emitindo sua homenagem ardente às almas dos mortos. Máscara Negra tinha caído de joelhos diante de um baú de forma e fabricação peculiar; era longo e estreito. Retirando alguns parafusos, a tampa voou aberta e revelou uma grande pilha cintilante de ouro para a minha admiração. Ali estava o metal precioso, não cunhado e misturado com liga, mas brilhando em todo o esplendor de sua pureza nativa. Havia barras de ouro e lingotes, tais como Cortez e Pizarro16 encontraram no Peru, junto aos seus destemidos seguidores, quando o último dos incas foi expulso de seu lar, de seu reino, após muitas batalhas sangrentas, após muitos combates árduos. As barras eram

pesadas e valiosas, pois eram puras e autênticas. Havia muitos baús, cofres e estojos na câmara. Estariam todos cheios de ouro? Se sim, que prêmio esse audacioso ladrão teria adquirido! Ele selecionou cuidadosamente cinco dos maiores e mais pesados lingotes. Cada um devia valer pelo menos mil libras. Era ouro virgem, daquele tipo de que as pepitas são formadas, e, é claro, valioso. Depois de fazer sua escolha, era necessário colocar as barras num recipiente qualquer. Ele era claramente um homem de recursos, pois tirou um robusto saco de lona do bolso, e, abrindo-o, colocou-as lá dentro; mas, enquanto o fazia, a máscara caiu de seu rosto. Antes que aquela cobertura facial hedionda fosse recolocada, fiz uma descoberta, para a qual eu não estava completamente desprevenida. A máscara negra – feia e repulsiva como era – até então tinha escondido as belas feições da Condessa de Vervaine. Com uma pequena exclamação de irritação, ela reposicionou a máscara e continuou a tarefa. Sorri implacavelmente ao ver quem era o ladrão da meia-noite, cujos passos eu havia rastreado tão bem, cujos movimentos eu havia observado com tamanha certeza. Levaria apenas algumas visitas a essa sala do tesouro, pensei comigo mesma, para obter uma renda magnífica; e depois eu me maravilhei demasiadamente com o que o cofre poderia ser e como o vasto e quase incontável tesouro chegara lá. Questões fáceis de fazer, mas de maneira alguma fáceis de responder. Por enquanto, minha atenção estava concentrada total e unicamente na condessa. Na manhã seguinte, teria tempo suficiente para especular sobre as causas responsáveis pelos efeitos dos quais eu era a testemunha exultante. Após guardar os lingotes de ouro no saco de lona, a misteriosa condessa se levantou e fez um gesto indicativo de retirada. Nessa altura, eu estava um tanto preocupada. Seria mais prudente levantar um alarme ou permanecer em silêncio? Supondo que eu gritasse: quem estaria lá para ouvir minha exclamação ou responder ao meu fervoroso pedido de ajuda e assistência? Talvez a condessa estivesse armada. Uma aventureira tão desesperada como ela parecia ser muito provavelmente carregaria alguma arma ofensiva consigo, que ela presumivelmente não hesitaria em usar caso fosse pressionada, e aquele corredor solitário, cujas complexidades eram

provavelmente conhecidas apenas por ela e por mim, esconderia os meus ossos pálidos dos olhares curiosos para sempre. Essa não era uma reflexão particularmente agradável, e vi que era necessário ser cautelosa. Imaginei que poderia alcançar o quarto de tralhas antes que a condessa alcançasse a mim, já que seria necessário que ela fechasse e prendesse o baú e, quando tivesse feito isso, seria obrigada a recolocar os tijolos que ela removera da parede, o que ocuparia sua atenção por algum tempo enquanto eu escapava de lá. Tinha obtido toda a informação que eu desejava e estava perfeitamente satisfeita com as descobertas feitas por mim. A condessa era, sem dúvida, uma ladra, mas era necessária alguma habilidade para conseguir levá-la à justiça. Naquele tipo de habilidade e astúcia, eu me considerava proficiente. Recuando rapidamente, caminhei por algum tempo, mas, para minha surpresa, não encontrei a escada. Poderia ter errado o caminho? Será que era possível que eu tivesse tomado a direção errada? Eu não conhecia todas as ramificações dessas galerias subterrâneas. Tremi violentamente, pois surgiu em meu peito a suspeita que eu poderia estar presa no cofre. Parei um momento para pensar e encostei-me na parede úmida e viscosa em uma atitude ensimesmada.



IV, *No cofre*



Sem luz, não conseguia dizer onde eu estava, tampouco a direção que seria melhor seguir. Estava em dúvida se seria preferível ir em frente, ficar onde eu me encontrava naquele momento ou voltar atrás. Tinha forte inclinação a escolher a última opção. Enquanto eu estava ponderando a respeito, uma luz crescia à minha esquerda. Era a lâmpada em posse da Condessa de Vervaine. Eu havia tomado o caminho errado. A passagem se prolongava, e eu não havia tomado a direção certa. A condessa estava recolocando os tijolos e, por este motivo, era minha obrigação me manter perfeitamente quieta e

imóvel, o que eu o fiz. Tendo concluído sua tarefa, ela mais uma vez pegou seu saco de lona, cujo conteúdo valioso era quase demais para ela carregar por conta própria. Enquanto isso, eu estava em uma posição mais crítica. Ela indubitavelmente recolocaria as tábuas e, talvez, fixasse-as de alguma maneira a fim de impedir a minha fuga, assim como ela havia feito em outras ocasiões. Minha única chance seria alcançar a escada antes que ela, mas... como era possível fazer isso quando ela estava entre a escada e eu? Eu precisaria fazer um ataque repentino e, derrubando-a no chão, passar por cima de seu corpo abatido – o que é muito desejável, mas totalmente impossível. Eu estava indefesa. Acreditava que ela estava armada. Correria o risco de ter algumas polegadas de aço frio mergulhadas em meu corpo ou, quem sabe, uma onça[17] de chumbo abriria caminho através dos ventrículos de meu coração, os quais não ansiavam pela honra de uma perfuração executada por uma dama da alta classe. Suspirava por um revólver Colt e me culpava por não ter tomado precauções, por não estar armada. Embora eu desejasse capturar Lady Vervaine acima de todas as coisas, não estava pronta para sacrificar a minha vida. Assim que eu me encontrar acima do solo e na casa mais uma vez, eu me sentiria mais como uma agente livre do que eu me sentia nesses túneis sombrios, onde eu tinha certeza de que me tornaria uma presa fácil dos ataques de uma mulher sem escrúpulos. Lady Vervaine seguia seu caminho com passos rápidos e, denotando que ela cumprira seu objetivo, parecia ansiosa para voltar ao seu quarto e alcançar um refúgio seguro. Quanto a mim, eu me resignava ao meu destino. O que eu poderia fazer? Atacar Sua Senhoria, eu pensei, seria o precursor de uma morte imediata. Seria como se atirar sobre uma espada ou disparar uma pistola na própria boca. Como um tigre, ela se voltaria contra mim e, para se livrar das consequências terríveis de seu crime, não hesitaria nem por um momento em me matar. Serpentes sem presas são inofensivas; porém, em posse dessas armas odiosas, é melhor colocar seu tacão[18] de ferro sobre suas cabeças, esmagando-as para que elas se tornem inofensivas e submissas à sua vontade soberana e conquistadora. Segui a Condessa de Vervaine sem pressa, a certa distância, mas eu não ousei me aproximar dela. Geralmente, eu

me mostrava produtiva em expedientes e pensava que encontraria alguma maneira para me livrar daquela situação. Eu não era uma mulher de uma ideia só. Se uma flecha não acertasse o alvo, eu sempre tinha outra, pronta para uso em minha aljava bem abastecida. No entanto, não foi sem um sentimento nauseante de incerteza e dúvida que vi sua senhoria subir a escada e desaparecer através da abertura no assoalho. Eu estava sozinha no cofre, abandonada aos meus próprios recursos. Esperei na escuridão absoluta, imersa em estado de espírito deplorável, até o momento em que achei que a condessa já tivesse tido tempo suficiente para desocupar o local. Então tateei meu caminho até a escada e subi seus degraus. Alcancei as tábuas e empurrei com toda a minha força, mas toda a minha força ainda não era suficiente para abrir caminho. Meus esforços foram inúteis. Cansada e exausta, tentei mais uma vez e, usando as lajes que pavimentavam o claustro, procurei algum meio para escapar da minha desagradável posição. Se eu não conseguisse encontrar uma saída, era evidente que eu sofreria terrivelmente durante algum tempo e, por fim, morreria de inanição. Isso não era uma perspectiva atraente em hipótese alguma. Eu tinha me convencido de que era inviável escapar pelo assoalho, pois a Condessa de Vervaine havia, de alguma forma, fixado as tábuas. De repente, uma ideia me ocorreu com a energia célere de um raio. Eu poderia voltar e percorrer a passagem e, sentindo cada tijolo, descobrir quais concediam acesso ao cofre em que os maciços lingotes de ouro eram guardados. Não duvidava que um tesouro tão precioso recebesse visitas ocasionais de seus legítimos donos, e eu não apenas seria libertada de minha prisão, assim como descobriria o mistério que no momento me deixava perplexa. Como eu estava ansiosa para realizar essas duas coisas, pus mãos à obra e mais uma vez percorri as dimensões circunscritas do corredor que conduzia ao local onde uma quantidade absurda de ouro estava escondida. Tive um trabalho imenso, pois sentia cada tijolo, um a um, e, após passar meus dedos sobre a superfície áspera, dava-lhe um empurrão para ver se cedia. Por fim, para minha inexprimível alegria, achei um que “cedeu”; outro empurrão vigoroso, e caiu com um forte estampido no chão; os outros, retirei com mais cuidado. Assim que consegui

remover tudo, entrei no cofre, como sua senhoria havia feito, e parei para me congratular por ter alcançado esse feito. A queda do tijolo fez um barulho estrondoso, que reverberou pelo cofre, produzindo ecos cavernosos; eu, porém, não havia presumido que isso teria as consequências que se seguiram. Enquanto eu considerava o que deveria fazer ou como deveria me preparar para dormir por uma hora ou mais – pois, na linguagem da creche, o moleiro tinha jogado poeira nos meus olhos, e eu estava cansada –, ouvi um barulho em um canto do cofre, onde depois descobri que se encontrava a porta. Seguiu-se um momento de expectativa sem fôlego e, depois, luzes ofuscantes e cegantes piscaram diante de mim e, involuntariamente, fizeram-me cerrar os olhos. Vozes ásperas soaram em meus ouvidos, mãos rudes me agarraram com firmeza, e eu era uma prisioneira. Quando recuperei a visão, estava cercada por três vigilantes e outros tantos policiais. Algemaram-me. Protestei contra tal indignidade, mas as aparências estavam contra mim.

“Estou disposta a ir com vocês”, exclamei, com voz calma, pois sabia que eu não tinha o que temer a longo prazo. “Mas por que me tratar tão mal?”

“Apenas cumprindo meu dever”, respondeu um dos policiais, que parecia ter o comando dos outros.

“Por que vocês me prenderam?” perguntei.

“Por quê? Ah! Essa é boa”, ele respondeu.

“Responda à minha pergunta.”

“Bem, se você não sabe... vou lhe contar”, ele respondeu, com um sorrisinho.

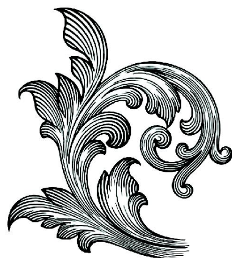
“Eu tenho uma ideia, mas eu quero uma satisfação sobre o assunto.”

“Te prendemos por roubo ao banco”, ele respondeu, solenemente.

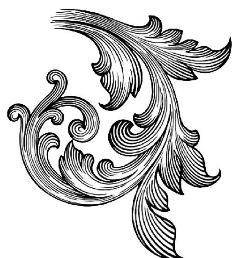
Meu rosto se iluminou. Então, era um banco, e o lugar em que estávamos era o cofre da casa. O mistério agora estava explicado. A Condessa de Vervaine havia, de alguma forma, descoberto sua proximidade com um lugar extremamente ourudo e havia construído o corredor ou, talvez, tivera a sorte de encontrá-lo pronto para seu uso. Isso seria esclarecido em outro momento.

“Estou pronta para ir com vocês”, eu disse. “Quando nós chegarmos à delegacia, falarei com o inspetor de plantão.”

O homem respondeu com um tom áspero, e fui levada embora daquele cofre, feliz ao pensar que eu escapara da triste e sombria casa do tesouro.



V,
Perseguida



“Fico feliz em vê-la, Sra. Paschal”, exclamou o Coronel Warner quando eu fui conduzida à sua presença. “Devo parabenizá-la por sua habilidade, discernimento e perseverança, em enquadrar a Condessa de Vervaine tão astutamente quanto você fez. Um assunto bastante desagradável, no entanto, essa passagem subterrânea.”

“Estou acostumada a esses pequenos episódios dramáticos”, respondi. “Quando fui levada à delegacia pelo triunfante policial, o inspetor imediatamente me liberou ao descobrir minha identidade. Eu sempre carrego minhas credenciais em meu bolso, e seu nome é uma

verdadeira fortaleza com os executivos.”

“Agora precisamos considerar o que deve ser feito“, disse o coronel. “Não há dúvidas de que o Banco da Belgravia do Sul foi saqueado em grande escala, e é dessa fonte que nossa misteriosa condessa conseguiu suprir seus hábitos extravagantes e manter sua magnificência passageira, a qual ela deveria ter percebido que, por sua natureza, seria efêmera. Penso que é surpreendente que suas depredações não tenham sido descobertas antes; ela deve ter gerenciado as coisas de uma maneira hábil, tão hábil, aliás, a ponto de ser digna do mais experiente ladrão moderno. Eu recebi o gerente do banco esta manhã. Ele deseja que o assunto seja abafado – se possível; mas eu lhe disse francamente que eu não poderia concordar com esse tipo de conduta. Um dos vigias ou policiais, entre os que a detiveram, deve ter ido direto a um escritório de jornal e informado o editor sobre os fatos, pois o relato dessa circunstância está circulando em um jornal diário. Parece que isso escapou à atenção do gerente. Mas jornais pagam uma pequena quantia por informações, e isso induzira o homem a tomar essa decisão. A astuta Condessa de Vervaine aproveitou esse indício, sem sombra de dúvidas, e deixou Londres, pois enviei mensageiros à casa dela esta manhã, que, por sua vez, se encontrava de portas fechadas. A única resposta que os meus mensageiros obtiveram em retorno havia sido que sua senhoria deixara a cidade devido à doença de um parente próximo; o que, é claro, é um ardil.”

“Claramente”, respondi, “ela ficou alarmada e quer jogar poeira em nossos olhos.”

“O que você aconselha?”, perguntou o Coronel Warner, andando de um lado para o outro na sala.

“Eu diria: deixe-a em paz até que seus medos tenham desaparecido, pois ela retornará à cidade. Agora é o auge desta estação, e ela não vai gostar de ficar ausente por muito tempo.”

“Não concordo com você, Sra. Paschal”, retrucou o coronel, irritado.

“Certamente. E por quê?”

“Por muitas razões. Em primeiro lugar, ela pode abandonar o país

com a pilhagem. O que impede que ela alugue a própria casa e móveis em Londres e vá para outro país com o dinheiro?”

“Há alguma verdade nisso”, eu disse, mais que um tanto convencida de que o coronel tinha a visão correta do caso.

“Muito bem; minha segunda razão é que mais vale um pássaro na mão que dois voando.”19

Proverbial, mas verdadeiro, pensei comigo mesma.

“Em terceiro lugar, quero recuperar o máximo possível dos bens roubados. Um criminoso com as mãos cheias vale mais do que aquele cujos dedos estão livres.”

“Você propõe que eu a siga?”, perguntei.

“Certamente que sim.”

“Nesse caso, quanto antes eu começar, melhor será.”

“Comece imediatamente, se seus arranjos permitirem. Os empregados não são imaculados, e, por meio de perguntas na mansão de sua senhoria, eu tenho poucas dúvidas de que você descobrirá algo útil.”

“Em menos de uma semana, coronel“, respondi confiantemente, “a Condessa de Vervaine estará nas mãos da polícia.”

Nas mãos da polícia! Que frase terrível... cheia de significado e importância trágicos... impregnada de prisões e confinamentos solitários... repleta de visões de trabalho árduo e uma longa e cansativa pena... expressiva de uma vida de trabalho, desonra e dor... talvez indicativa da aniquilação sumária pelas mãos do carrasco.

“Confio em você“, disse o Coronel Warner, apertando minha mão. “Em sete dias, a partir deste momento, espero o cumprimento de sua promessa.”

Eu assenti e deixei o escritório onde assuntos de suma importância para a comunidade em geral eram conduzidos todos os dias, e nove em cada dez casos chegam a um desfecho bem-sucedido.

No entanto, o salário que esse homem recebia de uma nação agradecida – ou, mais estritamente falando, de seu governo – era somente mil libras por ano, ao passo que muitos sinecuristas20 recebem o triplo desse valor para fazer absolutamente coisa alguma. Minha primeira preocupação foi o retorno à casa da Condessa de

Vervaine. Estava fechada, mas isso somente significava que as persianas estavam fechadas, isto é, na fachada. A maior parte dos empregados ainda estava lá e feliz ao me ver. Imaginavam que eu tinha ganhado um dia de folga ou que tinha viajado a negócios para sua senhoria. Procurei imediatamente a governanta.

“Bem, Paschal”, disse ela. “O que você quer?”

“Busquei dinheiro para a condessa, que me enviou à cidade com esse propósito, senhora“, respondi audaciosamente, “e ela falou que eu deveria procurar a senhora, entregar-lhe dez libras, e que a senhora me daria o endereço dela, pois ela queria que eu a seguisse até o campo.”

“Ah! De fato. Onde está o dinheiro?”

Dei à governanta dez soberanos[21], dizendo:

“Se você quiser, pode pegar mais cinco. Eu ousaria dizer que ela nem sentirá falta.”

“De jeito nenhum. Ela tem o suficiente.”

Os cinco retratos adicionais de Sua Majestade foram ansiosamente apropriados pela governanta, a qual me relatou amavelmente que a condessa se encontrava em Blinton Abbey, em Yorkshire, a fim de passar quinze dias com alguns conhecidos aristocráticos. Eu fazia questão de ser muito tranquila, educada e prestativa na presença da governanta, que, por sua vez, me via como uma pessoa notavelmente inocente, simples e trabalhadora. Após obter as informações que eu procurava, continuei conversando amistosa e agradavelmente por um curto período e, depois, fui embora. Então, para o trem noturno, rumo ao norte. Fui acompanhada por um superintendente, a quem eu sempre confiava a realização de empreendimentos árduos em que a força masculina era necessária. Ele era um homem sociável, e juntos poderíamos ter sido páreos para os ladrões mais espertos da Cristandade. Na verdade, nós frequentemente éramos assim, como eles descobriram para seu desgosto. Para mim, há sempre algo muito estimulante no movimento rápido de um vagão de trem. É típico do progresso e eleva meu espírito na mesma proporção da velocidade com que avançamos, ora através de prados, ora através de bosques, ora cortando um desfiladeiro e depois atravessando um túnel escuro e

sombrio. O que pode se igualar a uma viagem tão mágica?

Era noite quando chegamos a Blinton. A abadia ficava a cerca de uma milha e meia[22] da estação ferroviária. Nem o superintendente nem eu estávamos inclinados ao cansaço, pois, durante o percurso, nós tiramos um cochilo e acordamos muito revigorados. Deixamos nossas malas com um sonolento agente ferroviário, que apenas aguardara a chegada do correio noturno rumo ao norte, e à uma e meia da manhã saímos para fazer um reconhecimento de área em Blinton Abbey. A lua brilhava com intensidade. Seguimos uma trilha equestre e, desse modo, nós não tivemos muita dificuldade para encontrar a abadia, seguindo as instruções do agente ao pé da letra. O cenário estava quieto enquanto nós contemplávamos sem perturbações aquela santa edificação, que resistira às rajadas de vento de muitos invernos e refletira os raios ardentes de inúmeros sóis de verão. Fiquei particularmente impressionada pela capela cinza e sombria à nossa frente; o telhado escurecido, os altos contrafortes, os pilares agrupados, tudo falava de antiga grandiosidade. A paisagem me trouxe à mente as linhas de Sir Walter Scott[23]:

"Se quiseres contemplar a bela Melrose
Visite-a sob a luz pálida da lua;
Pois os raios alegres do dia
Apenas brilham para o escárnio das ruínas cinzentas.
Quando os arcos quebrantados estão negros na noite,
E cada oriel[24] com colunas reluz branco;
Quando a incerta chuva de luz fria
Banha a torre central arruinada;
Quando contraforte e contraforte alternadamente
Parecem feitos de ébano e marfim —
Então vá, mas vá sozinho,
E veja a sagrada edificação de São Davi."

Como se inspirados por uma espécie de reverência sagrada, nós paramos ali. A capela, o castelo com torres, a luminescência pálida e prateada da lua, o tempo silencioso e encantador da noite, as

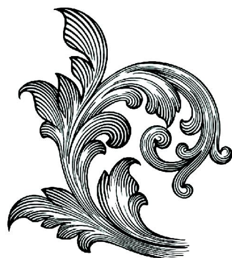
profundas janelas acasteladas, as seteiras no telhado de onde, no passado, muitas vezes se apontava uma culverina[25] como um aviso afiado para o invasor decidido e fora da lei, tudo conspirava para me inspirar melancolia. Despertei dos meus devaneios pela mão do superintendente em meu braço. Sem dizer uma palavra, ele me puxou para a penumbra de um recanto e, tendo me abrigado em segurança juntamente com ele, sussurrou uma única palavra no meu ouvido: “Olhe!” Fiz o que ele havia me pedido e, seguindo a direção apontada por seu dedo, vi uma figura escura saindo por uma porta lateral de Blinton Abbey. Silenciosa e felina, a figura sombria avançava e alcançava a base de um cedro, cujos ramos fúnebres ofereciam uma sombra mortuária, como a dos teixos em um cemitério; lá, o alvo de nossos interesses pegou um instrumento pontiagudo e cravou um buraco como se estivesse prestes a enterrar algo. Quase que não consegui conter um grito rouco de deleite, pois parecia evidente que a Condessa de Vervaine planejava se desfazer de seus espólios ilegais. Abençoei o pressentimento que eu havia tido ao propor uma visita à abadia durante a noite, embora eu sempre escolhesse as primeiras horas para fazer viagens de descoberta. Percebi que criminosos em geral evitam a luz do dia e buscam o abrigo amigável de uma noite muitas vezes traiçoeira. Em voz baixa, comuniquei minhas suspeitas ao superintendente, e ele concordou comigo. Sugeri a prisão imediata da figura sombria. A senhora estava tão ocupada em seus afazeres que não percebeu nossa abordagem; do contrário, teria escapado para a abadia. A mão forte do superintendente estava ao redor de sua garganta branca antes que ela pudesse emitir um pio. Ele a arrastou impiedosamente para a luz da lua, e os traços bem conhecidos da Condessa de Vervaine foram revelados duma maneira incontestável.

“O que você quer de mim? E por que estou sendo atacada dessa maneira?” perguntou ela em voz trêmula assim que o aperto em sua garganta foi relaxado.

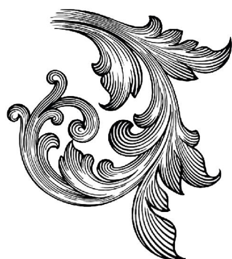
Enquanto isso, eu tinha pegado o saco, o mesmo saco de lona que continha as barras de ouro na noite do roubo. Elas ainda estavam lá. Quando ouvi a pergunta de sua senhoria, respondi a ela. “Os diretores do Banco da Belgravia do Sul estão muito ansiosos por uma entrevista

com sua senhoria".

A mulher ergueu os olhos para os meus, e um semblante de angústia tomou conta de seu belo rosto. Ela me reconheceu, e o ato de identificação confirmou que ela estava sendo perseguida. Com um movimento cheio de destreza, tão ágil e tão rápido que se assemelhava a um truque de prestidigitação[26], a Condessa de Vervaine levou algo à própria boca; em outro momento, sua mão estava ao seu lado, novamente, como se coisa alguma tivesse acontecido. Algo reluzente à luz da lua chamou minha atenção. Eu me abaixei e peguei um anel de ouro com acabamento requintado. Percebi uma tampa de mola, que revelava uma cavidade, estava aberta. Eu a ergui até meu rosto. Um forte cheiro de amêndoas amargas se desprendia de lá. Virei-me com o semblante afogueado para sua senhoria. Ela estava muito pálida. O superintendente se preparava para colocar as algemas em seus pulsos delicados; ele segurava os grilhões na mão e os estava ajustando. Mas ela foi poupada desse ultraje por seu próprio ato audacioso. Um veneno sutil estava contido na tampa secreta de seu anel, e ela o engoliu com uma ousadia que lhe era peculiar antes que pudéssemos prever ou impedir seu ato precipitado. A ação da droga virulenta foi tão rápida quanto mortal. Ela cambaleou. Um sorriso que parecia dizer "A batalha acabou, e logo estarei em paz" apareceu em seus lábios. Então ela caiu pesadamente no chão com o rosto convulsionado por uma dor intensa; seus olhos estavam fixos, seus lábios entreabertos, e Fanny, a talentosa, adorável e versátil Condessa de Vervaine, já não existia mais. Não lamentei que uma criatura tão jovem e bela escapasse do banco dos réus, da condenação do ladrão. Na época, o caso criou muita agitação, e os jornais ilustrados estavam cheios de imagens de Blinton Abbey; porém, há muito tempo, isso deixou de ser lembrado pelo público, e centenas de outras sensações surgiram desde então. O Banco da Belgravia do Sul recuperou seus lingotes, mas mesmo assim foi um grande perdedor devido às anteriores depredações da famosa Condessa de Vervaine.



Notas



1 *Lady* é utilizado como título honorífico para mulheres de posição nobre ou socialmente respeitável. Pode ser equiparado ao título de "Senhora" em português. Em alguns contextos históricos ou literários, *Lady* também é utilizado para denotar cortesia ao se dirigir a uma mulher de maneira respeitosa. (N.T.).

2 A Era Augustana refere-se originalmente ao período histórico durante o governo do imperador romano Augusto, que abrange os anos 27 a.C. a 14 d.C. Este período é notável pela estabilidade política e expansão territorial, consolidando o Império Romano, sob o comando de Augusto. Na França, os anos aos quais essa expressão se

refere deixaram um legado significativo, influenciando a arquitetura, a cultura e a estrutura social (N.T.).

3 Luís XIV, também conhecido como "O Rei Sol", foi o monarca francês que reinou por um dos períodos mais longos na história, de 1643 a 1715. Sua liderança ficou marcada pela centralização do poder real, impulsionando o absolutismo na França. Durante seu reinado, destacou-se por seu patrocínio às artes e à cultura, bem como pela construção do magnífico Palácio de Versalhes. A figura de Luís XIV é frequentemente associada à grandiosidade, à influência e ao apogeu da monarquia absoluta na França do século XVII (N.T.).

4 No original, o termo seria *lady's maid*, uma criada pessoal encarregada de atender às necessidades e realizar assistência direta a uma senhora ou dama de posição social elevada. Essas profissionais desempenhavam papéis diversos, inclusive cuidados com vestimenta, penteados, e outras necessidades pessoais da senhora. Ao longo da história, a figura da *lady's maid* desempenhou um papel importante na manutenção do estilo de vida e da imagem social da mulher aristocrática ou de alta classe (N.T.).

5 *Reseda odorata*, também conhecida como minhonete, reseda perfumada ou resedá, é uma planta herbácea com pequenas flores em tons de verde, amarelo ou branco. Valorizada pelo seu aroma, a minhonete é frequentemente cultivada em jardins e usada em arranjos florais. Além de seu apelo ornamental, os óleos essenciais extraídos desta planta são utilizados na indústria de perfumaria, contribuindo para fragrâncias delicadas e florais em diversos produtos (N.T.).

6 Uma superfície de parede tratada com estuque, uma mistura tradicional de cal, areia e outros aditivos que resulta em um revestimento durável e decorativo. O estuque proporciona não apenas resistência, mas também uma superfície suave e, muitas vezes, texturizada, que pode ser moldada para criar ornamentos arquitetônicos. Este método de revestimento tem sido utilizado ao longo da história em diversas culturas, contribuindo para a estética de edifícios residenciais e monumentos (N.T.).

7 Um tipo de couro conhecido por sua origem em Marrocos e suas características distintivas. Tradicionalmente feito a partir da pele de cabras, o marroquim é notável por sua textura suave e flexível. Este couro é frequentemente utilizado na encadernação de livros de alta qualidade, na produção de artigos de luxo, como bolsas e sapatos, devido à sua durabilidade e aparência elegante (N.T.).

8 Trabalho ou cargo bem remunerado que não exige muito esforço (N.T.).

9 Em francês, “entrada” (N.T.).

10 Em francês, “merceeiro” (N.T.).

11 Pode se referir a diferentes rainhas ao longo da história, sendo uma delas Eleanor de Aquitânia (1122-1204), uma das mulheres mais influentes da Idade Média. Como rainha consorte da França e, posteriormente, da Inglaterra devido ao seu casamento com Henrique II, ela desempenhou papel significativo nas esferas política, cultural e diplomática. Eleanor é conhecida por seu mecenato das artes e sua participação ativa na política, além de ser uma figura central nas histórias da realeza medieval (N.T.).

12 Rosamund Clifford (c. 1150–1176), uma figura histórica que se tornou lendária devido às narrativas românticas que a cercam. Rosamund foi uma amante do rei Henrique II da Inglaterra. Sua beleza lendária e o mito de um labirinto no qual ela foi mantida, conhecido como “O Jardim de Rosamund”, contribuíram para a construção de histórias e lendas ao longo dos séculos. Embora os detalhes reais da vida de Rosamund sejam escassos, seu nome ficou imortalizado na literatura e na mitologia como uma figura trágica e romântica (N.T.).

13 Um tipo de tecido rígido feito de crina de cavalo ou fibras sintéticas. Durante o século XIX, a crinolina era utilizada para criar formas amplas e arredondadas em saias e vestidos – ao invés de várias camadas de anáguas (N.T.).

14 Lingotes e barras de ouro representam formas físicas padronizadas

desse metal precioso, frequentemente utilizadas como reserva de valor e investimento. Lingotes são peças fundidas geralmente em formatos retangulares ou trapezoidais, enquanto barras de ouro são cilíndricas ou prismáticas. Essas formas são reconhecidas internacionalmente e apresentam especificações rigorosas de peso e pureza (N.T.).

15 No original, *musipular abortion* foi um erro de grafia cometido pelo autor para o termo *muscipular abortion*, que, por sua vez, aparece em muitas instâncias de livros publicados durante o século XIX, comumente como alguma coisa ligada a ratos. Aqui, foi traduzido dessa maneira por causa da origem latina da palavra *muscipula*, que significa “armadilha de ratos” (N.T.).

16 Cortez e Pizarro foram dois exploradores e conquistadores espanhóis do século XVI. Suas expedições desempenharam papéis cruciais na conquista e colonização das Américas. Hernán Cortez (1485-1547) liderou a expedição que resultou na queda do Império Asteca no México, enquanto Francisco Pizarro (1471-1541) liderou a conquista do Império Inca no Peru.

Eles representam figuras notáveis e controversas na história, com impactos significativos na história cultural, política e social das regiões exploradas. Suas campanhas contribuíram para a expansão do império espanhol e para o intercâmbio cultural entre o Velho e o Novo Mundo, mas também levantaram questões éticas devido às brutalidades associadas à conquista e à colonização. Esses eventos moldaram profundamente o curso da história latino-americana (N.T.).

17 Uma onça equivale a aproximadamente 28,35 gramas (N.T.).

18 Um tipo de calçado, geralmente, feminino que possui um salto mais largo e baixo. (N.T.).

19 *“A bird in the hand is worth two in the bush”* é um provérbio em inglês que expressa a ideia de que é mais vantajoso ter algo garantido e seguro no presente do que arriscar perdê-lo em busca de algo potencialmente mais valioso no futuro. Aqui, foi usado o provérbio em

português com o mesmo significado (N.T.).

20 São indivíduos que ocupam cargos ou posições que exigem pouco ou nenhum trabalho real embora envolva alguma remuneração. Essas posições de trabalho, conhecidas como "sinecuras", muitas vezes são percebidos como benefícios concedidos por razões políticas, sociais ou de status, mais do que por mérito ou esforço profissional. A crítica associada ao conceito de sinecuras muitas vezes está relacionada à percepção de privilégio sem contribuição significativa para a sociedade ou organização (N.T.).

21 O soberano (do inglês *sovereign*) é uma moeda britânica de ouro com uma história iniciada durante o reinado de Henrique VII. Originalmente, era usada como moeda de circulação com o valor de uma libra esterlina; hoje em dia, é principalmente uma moeda de coleção e investimento. Apresenta o retrato do monarca e uma imagem simbólica, como São Jorge e o dragão, respectivamente em seu anverso e reverso. Seu valor intrínseco e seu prestígio histórico o tornam uma escolha popular entre colecionadores e investidores de metais preciosos. (N.T.).

22 No sistema métrico, equivale a aproximadamente 2,414 quilômetros (N.T.).

23 Sir Walter Scott (1771-1832) foi um renomado romancista e poeta escocês, amplamente reconhecido como uma das figuras literárias mais influentes do século XIX. Sua obra abrange diversos gêneros, incluindo romances históricos, poesia e ensaios. Alguns de seus trabalhos mais conhecidos incluem *Ivanhoe*, *Rob Roy* e *Waverley*. Além de suas contribuições significativas para a literatura, Scott desempenhou papel crucial na popularização da literatura escocesa e na preservação da cultura e tradições da Escócia. Seu impacto perdura como influência duradoura na literatura britânica e na valorização do romance histórico (N.T.).

24 Uma janela saliente ou sacada em um edifício, que, em geral, é projetada para proporcionar luz adicional e vista mais ampla para o

exterior. E são utilizadas em uma variedade de estilos arquitetônicos como o gótico e o renascentista. Por esse motivo, oriels são comuns em edifícios históricos, como castelos, mansões e edifícios públicos, adicionando um elemento decorativo e funcional à estrutura (N.T.).

25 A culverina, uma peça de artilharia usada do século XV ao XVII, era caracterizada por seu longo cano e capacidade de disparar projéteis a grandes distâncias com precisão. Utilizada tanto em terra quanto no mar, foi essencial em combates militares e navais da época (N.T.).

26 A prestidigitação é uma forma de entretenimento que envolve habilidades de manipulação manual ágeis, muitas vezes associadas a truques de mágica, ilusionismo e malabarismo. O prestidigitador, ou ilusionista, realiza movimentos rápidos e habilidosos com as mãos, muitas vezes desviando a atenção do público para realizar feitos surpreendentes e aparentemente inexplicáveis. Essa forma de arte tem raízes antigas e continua a encantar audiências em espetáculos ao vivo, mostrando a destreza manual e a criatividade do artista na criação de ilusões intrigantes (N.T.).

Laboralivros
editora.laboralivros.com

Sumário

1. I, O Chefe da Polícia de Detetives
2. II, Máscara negra
3. III, Barras de Ouro e Lingotes
4. IV, No cofre
5. V, Perseguida
6. Notas

Landmarks

1. Cover
2. Sumário